

# A Arteterapia aplicável nos Espaços de Apoio Pedagógico

Rosana Salvini Conrado <sup>1</sup> RA: 3492141

Orientadora: Profa. Ms. Ana Cecilia Oñativia <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta possibilidades de trabalho pedagógico especializado, por meio da Arteterapia, com alunos da rede municipal de São Sebastião - litoral norte de SP. Consideram-se não só as propostas de teóricos da área, mas também os documentos que regulamentam a educação especial e, mais propriamente, a inclusão, já que esse trabalho focaliza o atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais. Utilizamos como referência a Gestalt-Terapia, que concebe o indivíduo como um sistema aberto, que se desenvolve por meio de intercâmbios criativos com o ambiente. Nesse contexto, a Arteterapia se utiliza de mediadores artísticos, que são os meios empregados com a finalidade de criação, expressão e comunicação, e os EAPEs passam a ser *settings* arteterapêuticos. Para exemplificar de que forma a Arteterapia pode ser aplicada a diferentes alunos nesses espaços de aprendizagem, utilizamos como referência o que orienta o MEC (2003) e o que a bibliografia da área considera relevante. Tão importante quanto os conteúdos curriculares que se desenvolvem em sala de aula regular, o trabalho terapêutico, de estimulação sensorial e cognitiva, de inclusão e aceitação de si mesmo, considerando as próprias fragilidades, mas, sobretudo, as potencialidades é que leva o profissional do EAPE a possibilitar aos seus alunos o encorajamento e o estabelecimento de relações com o ambiente físico e social, que oportuniza o desenvolvimento de suas competências, estimula a atenção e a criatividade e favorece o bem-estar emocional.

## Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar possíveis formas de aplicação da Arteterapia nos Espaços de Apoio Pedagógico (EAPEs), destinados ao atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais, da rede municipal de São Sebastião- SP. A hipótese é a de que a Arteterapia, como recurso de promoção da criatividade, pode ser associada às atividades desenvolvidas nesse espaço, já que nele as crianças têm acesso a uma diversidade de possibilidades didáticas que visam não só ao desenvolvimento de habilidades cognitivas como também de habilidades socioemocionais.

1. Mestre em Letras – Filologia e Língua Portuguesa [rsalviniconrado@uol.com.br](mailto:rsalviniconrado@uol.com.br)

2. Mestre em Psicologia da Educação [anativia@prof.unisa.br](mailto:anativia@prof.unisa.br)

A partir de entrevistas com a família e dos registros de especialistas, que indicam as necessidades de cada aluno atendido, o professor/psicopedagogo seleciona atividades que tenham como objetivo o desenvolvimento de habilidades que ajudem o aluno a superar dificuldades e a inseri-lo socialmente, de modo que ele tenha mais autonomia para tarefas cotidianas e também para a participação ativa nas atividades escolares que estejam ao seu alcance e que também o desafiem a crescer continuamente. Objetiva-se, portanto, apresentar ideias de como a Arteterapia pode ser aplicada, por meio de quais atividades e de que forma essas ações se concretizariam, considerando os diferentes grupos de alunos e suas condições de aprendizagem.

## **Desenvolvimento**

Essa pesquisa objetiva descrever um quadro de ações/sugestões que possibilitem a aplicação da Arteterapia no contexto de atendimento extraclasse. Para isso, recorreremos a um levantamento bibliográfico, que ancora teoricamente as estratégias sugeridas, e apresentamos exemplos de como essas estratégias podem se aplicar a diferentes alunos, de acordo com suas características. A Arteterapia aplicada nesses espaços pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, que facilitem a interação e ampliem as competências socioemocionais dos alunos atendidos, aumentando sua autoestima e a capacidade de reconhecer novos sentidos em suas produções. O desenvolvimento afetivo e, conseqüentemente, o cognitivo podem ser promovidos por estratégias eficazes que se aplicam por meio da Arte e da experimentação. Tais estratégias vinculam-se a atividades que podem fazer com que os alunos se sintam fortalecidos e capazes de enfrentar os desafios cotidianos, aos quais estarão expostos dentro e fora da escola.

Utilizamos como referência a Gestalt-Terapia, que concebe o indivíduo como um sistema aberto, que se desenvolve por meio de intercâmbios criativos com o ambiente. Essa abordagem psicológica, cofundada entre os anos 40 e 50 nos EUA por um grupo de pensadores da área ("Grupo dos Sete": Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman Isadore), tem uma perspectiva da humanidade e do mundo pautada na doutrina holística, na

fenomenologia e no existencialismo. Na teoria de Perls, a noção de organismo como um todo é central, tanto em relação ao funcionamento orgânico quanto à sua participação em seu meio, para criar um campo único de atividades. Assim, o indivíduo é visto como um ser relacional que se desenvolve a partir de suas escolhas. Portanto, consideramos essa a chave para o trabalho com crianças, em especial as que têm necessidades educacionais especiais, já que elas precisam ser estimuladas a descobrirem seus potenciais, que nem sempre se equivalem aos de outras crianças, e que são necessários para a elevação da autoestima, da construção de um sentimento de pertencimento e para o desenvolvimento da própria criatividade.

De acordo com o dicionário Houaiss, criatividade pode ser definida como "a qualidade ou característica de quem [...] é criativo; inventividade; inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar". O dicionário Aurélio define criatividade como "capacidade criadora, engenho, inventividade; capacidade que tem um falante nativo de criar e compreender um número ilimitado de sentenças em sua língua"

No processo arteterapêutico, a expressividade, a ativação da criatividade e o fortalecimento do potencial transformador da pessoa em relação a si e ao meio no qual convive são as principais tônicas que direcionam as propostas vivenciadas. Assim, a Gestalt-Terapia pode ser muito útil se aplicada nos EAPEs, já que tem como foco o indivíduo holístico, capaz de criar e de se desenvolver independente de suas limitações.

Silva e Carvalho (2013) apresentam a relação entre Arteterapia Gestaltica e o desenvolvimento da criatividade

Em Gestalt-Terapia, o sujeito é compreendido como um sistema aberto, em constante desenvolvimento e crescimento em função de trocas criativas com o ambiente; ou seja, ele é um ser relacional que interage com o mundo. As *funções de contato*, mecanismos que o indivíduo dispõe para se relacionar com o campo, são sempre criativas na medida em que lidam com o novo. Ao longo desses processos de contato o indivíduo vai respondendo às informações, sensações e percepções decorrentes das trocas com o sistema, e isso é chamado de *auto-regulação orgânica*. Os *ajustamentos* que o sujeito precisa

fazer para experimentar o mundo são sempre criativos porque se referem a uma assimilação constante entre o novo e o já conhecido (apud CIORNAI,1994, p.2).

É preciso reconhecer as potencialidades existentes nos EAPEs, já que são locais recheados de recursos didáticos específicos para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Ainda assim, se faz necessário que o profissional que atende os alunos nesse espaço consiga identificar os potenciais de cada um e desenvolver neles a capacidade criativa, inerente ao ser humano. Para isso, é preciso colocá-los em contato com possibilidades criadoras, com recursos e materiais diversos, muitas vezes nunca experimentados antes. Como todo contato implica em mudança, o aluno pode se deparar com situações e contextos novos que lhe permitirão ter acesso a outras dimensões, gerando mudanças em si e também no ambiente. A criatividade coloca algo novo na realidade e é por isso que ela deve ser estimulada, para que esse novo possa ser a chave para a descoberta de suas potencialidades.

Como tratamos especificamente da aplicação da Arteterapia em espaços destinados ao atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais, vale ressaltar que, conforme descreve a Declaração de Salamanca (1994, p.1):

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades,
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

No contexto da educação especial, a Arteterapia pode contribuir com a aplicação de mediadores artísticos, que são os meios empregados com a finalidade de criação, expressão e comunicação. Estão representados pela expressão plástica, musical, dramática, corporal, literária e lúdica e deles derivam os recursos técnicos, propostas e materiais utilizados no processo criativo. Há muitos mediadores que podem ser aplicados, por isso é importante que o aluno tenha acesso a vários recursos/materiais para que possa escolher entre eles e explorar todas as suas possibilidades.

Existe uma diversidade de técnicas/linguagens expressivas que podem ser utilizadas no *setting* arteterapêutico: as que têm como suporte o papel, plano predominantemente bidirecional (colagens, fotografias, pinturas e desenhos); as que não se restringem ao suporte bidirecional como panos, vestimentas e objetos (tecelagem, bordado e costura); as que manejam fragmentos, cacos, materiais descartados e que, quando reunidos, produzem novas formas e significados (mosaico e assemblagem); as que são tridimensionais (modelagem); as que reúnem atividades de construção (maquetes, criação plástica de personagens; instalações, self-book, self-box). Há também outras linguagens expressivas (escrita criativa, contação de história, prática teatral, criação de máscaras, consciência corporal, dança, fotografia e vídeo, dentre outras) (PHILIPPINI, 2009).

O *setting* na Arteterapia é comparado por Philippini (2008, p.43) ao território sagrado da prática alquímica: “Funciona como local de criação, de resgatar e expandir potencialidades adormecidas, de desvelar sentimentos, de compreender conteúdos inconscientes”.

Os EAPEs, nessa abordagem, passariam a ser esses *settings* arteterapêuticos. Nesses lugares, e por meio de variadas formas de expressão, os alunos desenvolveriam o autoconhecimento e a autoidentificação, tão importantes para a expressão humana, já que o indivíduo precisa se conhecer para se expressar e, para isso, busca sua identidade, mesmo que de forma ainda inconsciente.

A educação formal tem participação ativa nesse processo e, portanto, a escola deve promover ações criativas e expressivas que reúnam elementos da experiência individual. Tal como define Lowenfeld:

No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura, proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. (1970, p.13)

Para ilustramos algumas práticas possíveis, considerando as diversas condições e habilidades dos alunos atendidos nos EAPEs, destacamos um trecho do documento “Saberes e Práticas da Inclusão” (MEC 2003, p.22) que orienta adaptações curriculares, necessárias para a adequação da escola às condições dos alunos.

Essas adequações resguardam o caráter de flexibilidade e dinamicidade que o currículo escolar deve ter, ou seja, a convergência com as condições do aluno e a correspondência com as finalidades da educação na dialética de ensino e aprendizagem. Não se colocam, portanto, como soluções remediativas para males diagnosticados nos alunos, nem justificam a cristalização do ato pedagógico igualmente produzido para todos na sala de aula. Do mesmo modo, não defendem a concepção de que a escola dispõe sempre de uma estrutura apropriada ou realiza um fazer pedagógico adequado a que o educando deve se adaptar. Implica, sim, a convicção de que o aluno e a escola devem se aprimorar para alcançar a eficiência da educação a partir da interatividade entre esses dois atores.

Esse trecho ratifica a importância de se atender a cada aluno de acordo com suas necessidades e, para isso, é preciso identificar suas potencialidades e seus saberes. Nesse processo de identificação, o arteterapeuta pode contribuir para o direcionamento de práticas que facilitem a inserção desses alunos no contexto da escola, e que também contribuam para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e sociais. Por isso, o espaço do EAPE deve estar preparado para receber esses alunos e para proporcionar a eles todas as condições para o seu pleno desenvolvimento.

### **O que são os EAPEs**

A sigla EAPE traduz-se como Espaços de Atendimento Pedagógico Especializado. Esses espaços incorporam-se às escolas regulares da rede municipal de ensino de

São Sebastião, litoral norte de SP, e destinam-se ao atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais. Há um profissional dedicado a esse atendimento, que deve ser um professor de ensino fundamental com especialização em psicopedagogia. Esse profissional é responsável pela identificação dos alunos que precisam desse atendimento, geralmente realizado em contraturno. Quando já existe laudo, que caracterize e defina as condições de aprendizagem desses alunos, o professor/psicopedagogo é responsável por orientar os demais professores sobre a adaptação curricular. É papel do profissional do EAPE estabelecer contato com as famílias e manter atualizadas as informações que constituem os relatórios de atendimento, assim como aquelas que dizem respeito ao acompanhamento dos especialistas, as quais são trazidas pelos próprios pais.

Nesses espaços os profissionais trabalham com materiais diversos e visam à estimulação do desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioafetivas. Para cada aluno há um plano de trabalho estabelecido, o que não impede que se realize um trabalho coletivo quando este puder promover a interação e a troca de experiências entre um grupo de alunos. É importante considerar que o EAPE não pode ser visto como um ambiente segregador, que retira o aluno do seu convívio com os demais, mas, ao contrário, deve criar condições para que ele seja inserido e se aceite como um dos componentes do todo, independente de suas limitações. Por isso, o professor/psicopedagogo que atua nesse espaço deve estar sempre envolvido nas atividades da escola, criando vínculos com os demais alunos e não apenas com os que ele atende.

Para exemplificar de que forma a Arteterapia pode ser aplicada a diferentes alunos nesses espaços de aprendizagem, utilizamos como referência o que orienta o MEC (2003) e o que a bibliografia da área considera relevante:

### **Para alunos com deficiência visual**

É importante utilizar materiais que produzam sons, como bola de guizo, chocalhos, sinos, além de fazer uso de um sistema alternativo de comunicação adaptado às possibilidades dos alunos: sistema braille, tipos escritos ampliados, textos escritos com outros elementos (ilustrações táteis) para possibilitar a compreensão dos

alunos. A partir daí, é possível orientar o desenvolvimento de atividades que favoreçam o despertar da criatividade por meio do toque, da tateação, do sentir pelas mãos, utilizando-se texturas diversas, objetos que emitem calor ou que podem ser maleáveis, como argila ou massa de modelar. Também é possível trabalhar com a sensibilização do olfato, possibilitando a descoberta de sensações e de emoções que podem contribuir para o despertar de novas possibilidades de criação.

O livro falado, os áudio livros, também podem ser muito úteis nesse processo de construção e de desenvolvimento de percepções, pois abre caminho para a imaginação, apresenta personagens, carrega os alunos para o mundo das narrativas, que a cada um pode trazer um significado diferente.

É importante que o espaço seja amplo e sem barreiras para facilitar a movimentação dos alunos e para dar espaço para suas criações de forma cada vez mais independente.

### **Para alunos com deficiência auditiva**

O professor do EAPE pode apresentar aos alunos diversos recursos que facilitem a sua participação nesse espaço, como bonecos articuláveis, máscaras, fantasias, vídeos com tradução em libras, teatro de marionetes. Outros recursos que estimulem a visão, como luzes coloridas associadas à comunicação, jogo de luz e sombra, mímicas, imitações, desenhos, enfim, tudo que possa estimular outros sentidos e ampliar as possibilidades de interação desses alunos, ampliando também a sua autoestima. É importante que cada um consiga observar com tranquilidade o que o outro desenvolve, sem que se coloquem em evidência, mas que se sintam parte de um todo. A expressão do pensamento e da criatividade se dará no momento em que cada um se sentir a vontade para isso, portanto a leitura visual do que acontece nesse espaço deve ser ampla e rica de oportunidades.

### **Para alunos com deficiência intelectual**

Nesse espaço de aprendizagens é importante que o professor possam favorecer a exploração de diferentes recursos, desenvolvendo habilidades adaptativas, sociais, de comunicação, cuidado pessoal e de autonomia. Portanto, no caso de alunos com deficiência intelectual, é preciso considerar suas condições físicas e suas

habilidades motoras, a fim de propiciar a cada um o que o possa fazer-se sentir acolhido naquele espaço. São muitas as opções de trabalho com esses alunos, tais como atividades em grupo, que propiciem o contato com a música, com a dança, com experimentos artísticos diversos, como a pintura, o desenho, a modelagem e também com o teatro. O importante, nesses casos, é reconhecer o potencial de cada um, respeitar o seu universo e ampliar as possibilidades de inserção social e do desenvolvimento de sua criatividade. O professor do EAPE pode usar a Arteterapia para explorar a sensibilidade de diversas formas, com variados recursos, para descobrir talentos e valorizar o ser humano em sua plenitude.

### **Para alunos com superdotação**

Há um mundo a explorar, mas o mais importante é evitar sentimentos de superioridade, rejeição dos demais colegas, que podem levar ao isolamento desses alunos. É necessário propiciar momentos que exijam persistência nas tarefas e o engajamento em atividades cooperativas. Nesses encontros, todo material pode favorecer a produção de trabalhos educativos, que sejam fruto da criatividade e das potencialidades de cada indivíduo. Reconhecer o valor do outro pode ser um sinal de pertencimento. Qualquer material que estimule a criatividade como: lâminas, pôsteres, murais; inclusão de figuras, gráficos, imagens etc, e de elementos que despertam novas possibilidades, como softwares, jogos, desafios diversos, podem ser úteis para o trabalho com alunos superdotados. A Arteterapia nesses casos é um recurso importante para a sensibilização e para a aproximação desses alunos que, muitas vezes, se sentem alheios ao universo da escola por não se sentirem desafiados e valorizados.

Como orienta Carl Rogers (1985), a criatividade é definida como um processo existencial e não se distancia da capacidade humana da autorealização e da afirmação, tendo a tendência de se expandir, se desenvolver e amadurecer: “não há diferença entre os processos criativos relacionados às artes e invenções e aos processos que desenvolvam a personalidade de um indivíduo, como a psicoterapia” (p.301). Ou seja, a capacidade de criação e de transformação é inerente ao ser humano. Para a Arteterapia, criar novas formas, configurar elementos novos e encontrar significados para a criação pode ordenar a própria vida. Para Ostrower

(1993, pg.9), no ato de criação “novas coerências estabelecem-se para a mente humana”, o que pressupõe a “capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar e significar”.

O ato criativo imprime a marca de seu criador, constituída de sua originalidade e individualidade. O imaginário, composto por vivências e símbolos, agrega-se à percepção do que rodeia o indivíduo, assim como as influências sociais e culturais que ele experimenta. Dessa forma, Ostrower (1993) sinaliza que criar e viver se interligam.

Há muitos motivos para que os seres humanos não consigam expressar seu imaginário, mas há também muitas estratégias de desbloqueio e de facilitação que desenvolvem a atividade criadora. A empatia, no nível emocional, e o espaço acolhedor, em relação ao ambiente, são parte de uma estrutura que ampara e orienta o desenvolvimento da criatividade humana. E é a partir dessa referência que consideramos os EAPEs como potenciais centros de estimulação à criação, porque também são constituídos como um local de acolhimento e de integração, indistintamente.

## **Conclusão**

Para todos os alunos que são atendidos nos EAPEs é importante considerar que o comportamento deles não se manifesta por igual nem parece ter o mesmo significado e expressão nas diferentes etapas de suas vidas. Existem importantes diferenças entre os quadros clínicos que caracterizam as condições individuais e apresentam efeitos mais ou menos limitantes. E são exatamente essas diferenças que enriquecem o trabalho do professor/psicopedagogo e que ampliam as possibilidades de trabalho com a Arteterapia nesse ambiente.

Considerando que os procedimentos didáticos exigem experimentação, a produção artística, por sua vez, possibilita ao aluno a familiarização com as variadas linguagens. Portanto, numa abordagem arteterapêutica os materiais utilizados e os procedimentos devem ser úteis para promover a interação com o mundo, pela reflexão e exploração das possibilidades expressivas. Acredita-se que quanto mais as diversas linguagens artísticas estiverem associadas, tais como a visual, a

musical, a corporal, incluindo dança e teatro, mais enriquecedor e produtivo se tornará o desenvolvimento das habilidades cognitivas e afetivas dos alunos, independente de sua condição de aprendizagem.

A Arteterapia não deve se resumir a uma abordagem tradicional, mecânica e repetitiva de conteúdos, mas deve promover a inserção do aluno num mundo de possibilidades, deve oportunizar a experimentação de várias linguagens, e a experimentação do próprio corpo como elemento identitário e constitutivo do ser, independente de sua condição física. Tão importante quanto os conteúdos curriculares que se desenvolvem em sala de aula regular, o trabalho terapêutico, de estimulação sensorial e cognitiva, de inclusão e aceitação de si mesmo, considerando as próprias fragilidades, mas, sobretudo, as potencialidades é que leva o profissional do EAPE a possibilitar aos seus alunos o encorajamento e o estabelecimento de relações com o ambiente físico e social, que oportuniza o desenvolvimento de suas competências, estimula a atenção e a criatividade e favorece o bem-estar emocional.

## REFERÊNCIAS

CIORNAI, S. Arte terapia Gestáltica: Um caminho para a expansão da consciência. **Revista de Gestalt** nº 3, São Paulo: Departamento de Gestalt Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, 1994.

SILVA, Mariane Coimbra, CARVALHO, Eduardo Moura de, LIMA, Rafaela Dias de. Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro: IGT, v. 10, nº 18, 2013.

PERLS, Frederick; RALPH Hefferline; GOODMAN Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica**. Testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

LOWENFELD, V. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 05 out 2017.

PHILIPPINI, Â. **Para entender arteterapia**: cartografia da coragem. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2008.

\_\_\_\_\_ **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

MEC/SEESP. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais** / coordenação geral: SEESP/MEC ; organização: Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.